

JUBILEU
DE PRATA

Velha guarda do Beirute homenageia Cícero Rodrigues dos Santos, um garçom paraibano que completou 25 anos atendendo aos clientes do bar mais boêmio da cidade. Com direito a bolo de chocolate e guaraná

Freddy Charlson
Da equipe do **Correio**

Em tempos difíceis, com filas hor-
méricas nas portas das agências de emprego,
buscas intermináveis em classificados de jornais e envio
(a torto e a direito) dos tais *curriculum vitae* pela Internet, um ho-
mem tem todo o direito de dar graças a Deus por ter um trabalho fixo.
É este homem — *tchan, tchan, tchan, tchan!* — é o Cícero Rodrigues dos
Santos, 52 anos, 25 dos quais vividos em Brasília. Justamente, aliás, o mes-
mo tempo em que ele está completando co-
mo garçom do Beirute, um dos mais
tradicionais, boêmios e comenta-
dos bares da cidade. É, Cícero es-
tá completando o Jubileu de Pra-
ta *beiruteano*. Jubileu, aliás, co-
memorado na noite de terça-
feira com singela festinha no
meio do salão, digo, do bar. A
festinha — rápida, claro, para
não atrapalhar o movimento e
os pedidos de cerveja e quibe
— teve refrigerante, bolo de
chocolate, palmas, aplausos,
o canto de parabéns, enfim,
tudo aquilo que qualquer
feira de aniversário tem. A
diferença é que o próprio
dono do Beirute, Francisco
Marinho, 64, o velho Chico,
fez questão de servir bolo e
guaraná para o aniversa-
riante. Relembrando os
bons tempos, Chico vestiu
roupa de garçom, embol-
sou gorjetas — gaiatamen-
te dadas pelos clientes da
velha guarda — e partiu o
bolo. “Como profissional, o Cícero é dez. Como ser humano, é companheiro,
solidário, o primeiro a dar apoio a quem precisa.” Cícero estava mesmo de bola
cheia com patrão, amigos e clientes. Não à toa, afinal o paraibano (de Nova Flores-
ta) caladão e boa-praça é quase tão conhecido quanto o comércio na ponta da 109 Sul
que ostenta, impávido e colosso, a placa “restaurante desde 1966”. Onze anos, portanto,
antes de Cícero chegar da Paraíba, ao Beirute, em 25 de março de 1977. O cabra da peste que
vendia bijuterias em feiras veio de ônibus para a “cidade grande”. Foi chamado por um amigo,

o Francisco Dantas, para ser balconista do bar. Saiu da terrinha anima-
do com a chance de conhecer gente nova e a capital do país. Não se ar-
rependeu. Três anos depois, já perambulava pelas mesas com a bande-
ja a tiracolo. O salário de “1.019 e qualquer coisa” era tudo de bom. A
discrição era — e ainda é — sua marca pessoal, o “padrão Cícero de
qualidade”. É o que dizia uma veterana de Beirute, a economista Lígia
Barros, 43, ao levantar-se da mesa que dividia com Margô Silva, 45, jor-
nalista, para cumprimentar o dono da festa. “O Cícero é sério na medi-
da certa. Não se mete além
do necessário”, comentou
Lígia, já abraçando o gar-
çom que atende as mesas
de 1 a 9, das cinco da tarde
até o fechamento do bote-
co, lá pelas três da madru-
ga. Folga? Só às segundas-
feiras. O trabalho de aten-
der pedidos, levar copos vazios e trazer gar-
rafas de cerveja rende ao garçom mais respeitado do
lugar (mesmo que todos ali sejam respeitabilíssimos se-
nhores) R\$ 350,00 — é o que consta na CTPS do sujeito marido
de Gilsa e pai de Fábio, Rubens, William e Alana. Com as gorjetas, o
salário pode render até R\$ 800, R\$ 900 por mês. Nada que faça o se-
nhor careca, de sorriso e olhar discretos

por trás dos óculos de aros finos di-
zer “Oh, meu Deus, mas que salá-
rio!”. Mas o suficiente para criar
os filhos e comprar uma casinha
no Setor P Sul de Ceilândia. “Já
tá bom demais”, diz. Tão bom
como a agitação por entre as
mesas do *Beira* (e nem precisa
ser íntimo para chamar o lugar
assim), onde Cícero atende pedi-
dos de poetas, políticos, intelectuais,
universitários, artistas, além de, também,
muita — mas muita mesmo — gente à toa. Como, por exemplo, desempre-
gados, engraxates e vendedores de livros, revistas, CDs, artesanato, pin-
turas que, vira-e-mexe dão o ar de sua (deles) graça, ali. (Na noite de
terça, quem vendia telas — a R\$ 10, cada — no bar era o Paulo
Iolovitch.) Apesar disso, Cícero considera o Beirute
um ambiente familiar.

UM QUARTO DE SÉCULO SERVINDO KIBEIRUTES



FESTA COM BOLO PARA CÍCERO (SENTADO), QUE ADORA O TRABALHO: “GOSTO DAQUI, SE FOR PARA CARREGAR BANDEJA, YOU FICAR ONDE ESTOU”

“A clientela é doida, mas são malucos inteligentes. Só sei
que acho ridículo homem beijar homem”, conta o garçom,
católico fervoroso, que até usa broches de anjos e de Nossa
Senhora Aparecida na lapela e trabalha basicamente na área
do Beirute conhecida como *Gayrute*, mais perto da rua. Mes-
mo assim, só se mete quando os beijos homossexuais “pas-
sam dos limites”. É quando pede para os casais “pegarem
leve”. Se os beijinhos forem, digamos, *light*, Cícero não está
nem aí. Já disse: o homem que não quer sair do Beirute —
“Gosto daqui e se for para carregar bandeja vou ficar onde
estou” — é discreto. Muito discreto.

Tão discreto que se vê alguém consumir drogas no seu
ambiente de trabalho faz que não está nem aí. Ora, afinal
garçom é surdo, cego e mudo. “É o melhor é a convivência.
A gente tem que aprender o que o cliente gosta. Fico atento e
levo o pedido antes do cliente olhar o cardápio. Crio
amizades”, dá a dica Cícero, paraibano que ficou esperto
depois de anos como camelô. “É por isso que é bom de pa-
po. Tanto é que se destacou como balconista e o promovi a
garçom”, lembra Chico, o cearense dono do Beirute.

Um dos responsáveis pela homenagem, o jornalista Luiz Jo-

sé Magalhães Joca, 52, concorda com o mestre. “No Beirute dá
todo tipo de bicho e de gente. E ele trata bem a todos. Não
atravessa conversa, não faz intriga. É uma espécie de
psicólogo”, diz o veterano Joca, que toma umas no *Beira* desde
1978 e que conhece Cícero há 24 anos. Tempo suficiente para
o garçom aprender as manhas. “O pior da vida de garçom é le-
var calote. Você vira as costas e o cliente sai numa boa, como
se estivesse chegando. A gente percebe quando a mesa dá ca-
lote e fica de olho.” Quando acontece o calote, o *Beira* não co-
bra do garçom, mas que dá um aperto, ah, isso dá.

Outras manhas? Lógico que Cícero aprendeu. Ele até po-
de dar dicas para quem quiser seu caminho. “O negócio é
saber atender os fregueses”, simplifica. Coisas como chegar,
cumprimentar, dar o cardápio mesmo com as mãos ocupa-
das, ficar atento para não deixar ninguém esperar, não re-
clamar se o cliente não der 10%, trocar a bebida e a comida
se alguém reclamar. O resto é ter a simpatia e a discrição de
quem há 25 anos trocou a vida de camelô pela de garçom.
Acha pouco? Pergunte, então, para o Cícero. A resposta será,
certamente, um sorriso discreto, digno de um homem feliz
com a vida que escolheu.

HISTÓRIAS DO CÍCERO

PELADÕES

“Uma vez, acho que lá por 1990, um homem e duas mulheres passaram
correndo, pelados, por entre as mesas. Estavam com um saco na cabeça
e entraram no bar pelos fundos. Todos se assustaram, ficaram curiosos.
Os mais gaiatos bateram palmas. Eu via, mas não acreditava. Os
malucos saíram correndo pela quadra. Achei engraçado e descobri que
faziam propaganda de uma peça de teatro.”

TRÊS FORMAS DE AMAR

“Há duas semanas, dois gringos chegaram ao bar. Depois, chegou a
namorada de um deles. Um dos gringos xingou a namorada do outro
de ‘merda’, na língua dele. Ela jogou um copo de cerveja e meteu o
tamanco na cabeça dele. O rapaz correu para o banheiro. Foi lavar o
sangue. Corri e peguei um celular na mesa. Achava que era do rapaz. A
moça disse: ‘É meu’. Devolvi e ela jogou o aparelho na rua. O casal
pagou a conta e saiu. O outro ficou escondido.”

FAROESTE NO BEIRA

“Parecia um filme de banguê-banguê. Mas aconteceu em 1992. Eu
servia clientes quando ouvimos barulho de freadas. Dois carros da
polícia seguiam um rapaz. A polícia pegou-o em frente ao Beirute. Ele
deu um cavalo de pau e escapou. Um policial pulou no pescoço dele e
ficou pendurado na janela do carro, com as pernas para fora, até cair.
Daí, o rapaz acelerou e fugiu. Todos saíram do bar para ver a confusão.”

OS INSACIÁVEIS

“Há dois anos, um casal de rapazes não parava de se beijar. Vendo que
muita gente estava incomodada, afinal o Beirute não é um bar gay, pedi
para pegarem leve. Fui uma, duas, três vezes. Disse que seria obrigado a
trazer a conta se não se comportassem. Pareciam homem e mulher.
Como não paravam de se beijar, levei a conta. Não ficaram com raiva.
Se levantaram, pagaram, saíram e foram se beijar em outro lugar.”

35 ANOS DE VIDA

O bar e restaurante Beirute, na comercial da 109 Sul, foi inaugurado,
com o nome de Abraão, em 16 de abril de 1966 pelos libaneses Youssef
Kaawai e Youssef Maiaakooi. Funcionava na W-3. Depois migrou para
o atual endereço. Em 1971, os irmãos Marinho, os garçons cearenses
Bartolomeu, Aloísio e Francisco, compraram o lugar. Em 16 de maio de
1999, Bartolomeu morreu, vítima de câncer no pulmão. O bar é
marcado pela irreverência e clientela típica de esquerda e adepta do
tradicional kibeirute — quibe assado e recheado com queijo —, marca
da casa. Além de gente que mexe com teatro e agitos culturais na
cidade. Outra característica do Beira é o vaivém de camelôs por entre as
mesas, que vendem de tudo e não são atropelados pelos garçons da
casa. Coisas do Beira, onde, atualmente, são consumidos entre 800 e
mil quibes nos dias de maior movimento.